

SEÇÃO 4

Práticas Espaciais de Cura e Ensinamentos do IBAMCA - Instituto Bamburucema de Cultura Afro Amazônica. Transcrição das Narrativas Orais de Mametu Muagilê¹

*Prácticas Espaciales de Cura y Enseñanzas del IBAMCA – Instituto Bamburucema de Cultura Afroamazónica.
Terra Firme/Cuenca del Tucunduba, Belém-PA*

*Spatial Healing Practices and Teachings at IBAMCA – Bamburucema Institute of Afro-Amazonian Culture.
Terra Firme/Tucunduba Basin, Belém-PA*

por Mametu Muagilê

Resumo: As narrativas da tradição oral de Mametu Muagilê revelam a relação entre território, espaço sagrado e práticas de cura no Candomblé Angola. Registradas em entrevistas de História Oral em 30 de novembro de 2019, no patrimônio comunitário do IBAMCA², abordam o aprendizado espiritual com ervas, encantados e entidades, articulando corpo, território e ancestralidade. Organizadas em eixos – território, espiritualidade, ervas e processos de cura –, as transcrições preservam a oralidade como patrimônio comunitário e como instrumento de resistência ao racismo que abate os corpos-território das comunidades tradicionais de terreiro de matriz africana. O IBAMCA se afirma como espaço de memória, acolhimento e transmissão de saberes afro-amazônicos.

Palavras Chave: Tradição Oral. Práticas de Cura. Candomblé Angola. Ervas Tradicionais. Território.

Resumen: Las narrativas de la tradición oral de Mametu Muagilê destacan la relación entre territorio, espacio sagrado y prácticas de cura en el Candomblé Angola. Registradas en entrevistas de Historia Oral el 30 de noviembre de 2019, en el patrimonio comunitario del IBAMCA, abordan el aprendizaje espiritual con hierbas, encantados y entidades, articulando cuerpo, territorio y ancestralidad. Organizadas en ejes – territorio, espiritualidad, hierbas y procesos de cura –, las transcripciones preservan la oralidad como patrimonio comunitario y como instrumento de resistencia al racismo que afecta los cuerpos-territorio de las comunidades tradicionales de terreiro de matriz africana. El IBAMCA se afirma como espacio de memoria, acogida y transmisión de saberes afroamazónicos.

Palabras Claves: Tradición Oral. Prácticas de Cura. Candomblé Angola. Hierbas Tradicionales. Territorio.

Abstract: The narratives of the oral tradition of Mametu Muagilê highlight the relationship between territory, sacred space, and healing practices in Angola Candomblé. Recorded during Oral History interviews on November 30, 2019, at IBAMCA's community heritage site, they address spiritual learning with herbs, encantados, and entities, linking body, territory, and ancestry. Organized into axes – territory, spirituality, herbs, and healing processes – the transcriptions preserve orality as community heritage and as an instrument of resistance to racism that strikes the body-territories of traditional terreiro communities of African matrix. IBAMCA is affirmed as a space of memory, welcoming, and the transmission of Afro-Amazonian knowledge.

Keywords: Oral Tradition. Healing Practices. Angola Candomblé. Traditional Herbs. Territory.

¹ Transcrição dos vídeos via Fíama Góes Maués. <https://www.institutocartografandosaberes.com/l/fíama-goes-maués/>; <https://www.institutocartografandosaberes.com/paginas-espaciais-de-saberes-tradicionais/>

² Práticas espaciais de cura e ensinamentos do IBAMCA – Instituto Bamburucema de Cultura Afro-Amazônica. Terra Firme/Bacia do Tucunduba, Belém-PA. O IBAMCA atende à comunidade da casa, aos arredores e à comunidade afro-amazônica, promovendo ações de arte, cultura e cidadania.

Elizabeth Pantoja (Mametu Muagilê) – Mestra de cultura Bantu. Fundou o Instituto Bamburucema de Cultura Afro/Amazônica (IBAMCA) em 2003. E-mail: goesfíama@gmail.com/cartografandosaberesxxi@gmail.com

INTRODUÇÃO

1. Introdução sobre Território e Espaço: apresentação de Mametu Muagilê

Foto 1 - Um terreiro de Candomblé de Angola, o Rundembo Gunzo de Bamburucema Mameto de Inkissi Muagilê Oto Torodê



Fonte: narrativas audiovisuais/entrevistas concedidas às professoras: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma Brito e Leila Leite. Em 30 de novembro de 2019.

A parte do território é essa ocupação. É essa apropriação que nós temos do espaço, de como a gente usa esse espaço, de como se preserva esse espaço e o que nós temos dentro desse espaço, desse território...

2. Relato do Aprendizado Espiritual e Encantados

Foto 2 – A Mameto Muagilê e a hierarquia da casa



Fonte: narrativas audiovisuais/entrevistas concedidas às professoras: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma Brito e Leila Leite. Em 30 de novembro de 2019.



O meu processo de aprendizado de curas tradicionais – através da medicina tradicional das ervas – vem naturalmente. Quando eu estou consultando, já sei o que fazer e já sei o que usar. Isso vem automático, muitas vezes não precisa ficar pensando ou “batendo cabeça”. Isso vem automático!

Eu acredito que, em primeiro lugar, a minha iluminada Mametu Bamburusema me dá primeiro aquela coisa grande da cabeça. Apesar de Mikaiá, Iemanjá, ser a senhora da cabeça, pois nós temos ela como a senhora da cabeça. Mas a dona da minha cabeça é a minha mãe Bamburusema, ela tá quietinha lá no lugar divino dela. A minha pomba gira, a cigana, minha cabocla Ita e outros encantados eu não recebi depois que eu iniciei no santo. Muitos encantados que eu recebia, não vem mais. Mas eles estão ao meu redor, tanto que o meu caboclo Sibamba – o caboclo que vem meio boy, com uma garrafa debaixo do braço, vem cantando, vem tombando, chegava muito doido de bebida na minha cabeça – falou com o meu sobrinho, filho da Gamgamirô, em um sonho e disse pra ele: “não faça isso aqui, pare com isso agora, se não vai sair morte.”. Ele parou e quase que sai mesmo... ele teve que obedecer! Então, quer dizer, o Sibamba, meu caboclo que eu não recebo há anos – há 30 anos que eu sou iniciada e há mais de 30 anos que ele não arria – ele tá presente. Eles é que trazem esse conhecimento tradicional pra mim, eles que me dão tudo, eles que me ensinam tudo, eles que me protegem, eles que protegem a minha família, eles que cobrem. O menino é meu sobrinho e ele foi lá avisar pra ele. De vez em quando, uma entidade minha vai lá levar um recado pra ele, dizendo: “olha, não faz isso. Faz isso. Vai dirigindo...” e eles vão dirigindo. Essa sabedoria toda vem deles.

Eu digo que eu sou um pedacinho da África, da mamãe África. Digo isso a partir do momento que eu me iniciei no Candomblé Angola, que é um território, é um estado, vamos dizer assim, da África. Eu faço parte desse estado. Eu sou um pedacinho do Angola. Eu posso, como angoleira de candomblé, receber pomba gira, receber Exú, receber caboclo, receber meu Inkisse, todas essas coisas... meu Kafiotó. Esse segmento meu vem de Mavambo, a Lembá.

Então, nessa relação África e Brasil, a África está dentro do Brasil, está de fato dentro do Brasil. Pai Euclides teve aquela relação maravilhosa, mas já teve outros pais de santo que já foram na África, tiveram boas relações e continuam fazendo viagens de várias pessoas que eles juntam. Fazem excursão e levam e trazem pra África. O Pai Paulo, de São Paulo, tá fazendo esse intercâmbio e outros pais de santo tão fazendo esse intercâmbio África-Brasil. Não pode parar, tem que continuar. O Candomblé é brasileiro, mas os Inkisses e os Orixás são africanos. Por isso, essa relação não pode acabar. Apesar de que, quando nós fomos sequestrados e trazidos ao Brasil, passamos pela porta do nunca, demos as três voltas na árvore do esquecimento.

Segundo a história antiga da África, existiu um portal que se chamava portal do nunca e a árvore do esquecimento, quando eles tiravam os negros de lá, eles davam as três voltas na árvore pra esquecerem todo aquele passado deles, aquela vida que eles tinham lá, depois passavam pela porta do nunca. O que quer dizer isso? Nunca mais vocês vão voltar pra cá, esse era o significado, a árvore do esquecimento é pra esquecer a família. Esquece tudo que tu deixou aqui. Era um processo longe de ser espiritual que fazia aquilo, totalmente agressivo, violento. O que eles não conseguiram tirar da nossa memória foram os nossos ancestrais, nossos Inkisses, nossos Orixás, nosso Vodum. Isso eles não vão tirar nunca da nossa memória.

3. Referência à Vinda para Belém e Vida no Quilombo

Eu vim pra Belém criança, com oito anos. O pessoal do quilombo tinha esse negócio de vai estudar, mas não se incomodavam pra onde a gente ia ou pra que casa a gente ia. Eles nos colocavam na casa das brancas, a gente ia servir de babá, de empregada doméstica, pra poder aprender ler, porque eles achavam bonito uma pessoa ler um jornal, era por inocência. Eles faziam isso. Os pais de lá do Acará traziam os filhos pra Belém pra poder estudar. Eu fui uma das pouquíssimas, naquele tempo, a única do território de família de quilombo, que vim pra Belém estudar, pra ler jornal e revista pra minha família, contar história através daquela leitura. Mas, com isso, nesse período, a minha mãe já vinha sofrendo. Ela estava muito doente espiritualmente, mas a gente não sabia o que era. Não sabia lidar com isso. A minha mãe vinha carregada de rede pro porto, pra poder chegar em Belém e fazer tratamento, chegava aqui e ficava melhor, voltava pra lá e morria de novo. Ai carregava ela de novo pra cá... ai ficou nisso.

Nos quilombos, no município do Acará, a gente era muito bem de vida. Tinha muita terra, cavalos... Meu pai era o maior marreteiro dos quilombos. Tem quilombola que morreu ali e nunca veio em Belém, ficaram lá, mas o meu pai arrecadava o material deles todos, trazia por porto, que era quilômetros e quilômetros de distância, só de cavalo. Depois a gente foi morar na colônia do Guajará-Mirim; essa parte não é Jacaréquara mais, Jacaréquara ficava perto dos barcos, não ficava tão distante, ficava próximo das casas da farinha, a roça. Na comunidade colônia do Guajará-Mirim era tudo muito distante, o terreno era tão grande que de uma casa pra outra é daqui pra Almirante Barroso. Era mais de não sei quantos metros de distância... não tenho noção de tamanho, de quantos quilômetros era de distância de uma casa pra outra. Mas ali a gente vivia feliz, de uma certa forma. A gente vivia tomando banho nas nascentes, água pura pra beber, material colhido da roça, alimento, muitas frutas.

O meu pai era marreteiro de todos os quilombolas, vinha muita coisa pra gente. Ele trazia comida, alimentação, roupa. Meu pai levava tudo pro povo: café, material de alimentação, tudo. E ele dizia: “tá aqui teu dinheiro, teu troco.”. Meu pai fazia isso. Meu pai era um preto, quilombola, muito correto, muito direito. O povo de quilombo – não sei como hoje tá, mas acredito que da mesma forma – são pessoas muito honestas, muito sérias.

Devido à doença de minha mãe, meu pai teve que vender... se desfazer de tudo e vir pra Belém pra trazer a minha mãe pra se tratar. Aqui ela adquiriu saúde, através do desenvolvimento mediúnico, não foi nada da medicina do capa branca, como os caboclos dizem, foi da medicina tradicional, da umbanda, de matriz africana, que a minha mãe se curou. Mas, em compensação, ela se curou o corpo-matéria, que é o mais importante, mas nós ficamos muito pobres, porque nós perdemos tudo. O papai vendeu tudo e veio comprar banca de farinha no ver o peso, tinha duas, chegou até ter um título lá, dado pelos feirantes, como O Rei da Farinha do Ver-o-Peso. Mas o pretinho já começou a se encantar pelas gatinhas e já foi perdendo tudo e ficou nessa situação.

4. Descrição do “quilombinho da Terra Firme”

Agora, por falar em território de quilombola, nós dizemos que o nosso espaço religioso é um quilombo. É quilombo urbano. Não é aquele quilombo lá daqueles realmente quilombolas. Nossa território como quilombola é outro, mas a gente diz... eu digo que: “aqui é meu quilombinho da TF”. Eu chamo, tirando uma brincadeira, que é da Terra Firme. O quilombinho da Terra Firme é aqui, a

gente acha que esse é um espaço de quilombo. Têm muitos negros dentro da nossa religião, tem todas as classes, tem todas as pessoas que a gente acolhe dentro da nossa casa. A gente não quer saber se é preto, se é branco, se é rico, se são entendidos. A gente não quer saber disso aí, a gente quer saber do cuidado, de cuidar das pessoas. Então isso é quilombo, um espaço de acolhimento.

5. Sobre o Matriarcado no Candomblé

O Candomblé, há muitos anos atrás, ele era só de mulheres, isso é matriarcado. Por isso que é muito forte o matriarcado dentro da religião de matriz africana, porque a mulher tem um diferencial muito grande. A mulher ela tem a capacidade de guardar os segredos, ser detentora e mentora do conhecimento tradicional. Ela que carrega muito disso. Não dizendo que os homens não carregam, até porque meu pai de santo era homem e passou certo conhecimento pra mim, mas a mulher, por tradição, ela vem lá dos primeiros. Tem terreiro que até não inicia homem como pai de santo. Tem terreiro de Ketu que não inicia homem como pai de santo. Pra tu ver como é forte o matriarcado. A mulher é a grande guardiã dos segredos tradicionais, ela conserva, ela é mais exigente, ela é mais severa na prática do conhecimento, na aplicação do conhecimento. Tanto que você não vê muitas casas abertas com mulheres muito novas, ela tem que ter um período de aprendizado, passar por todo aquele processo de filho. Porque pra você um dia ser pai, você tem que saber ser filho, ter tempo pra ser filho, quem não tem tempo pra ser filho não tem tempo pra ser pai, não pode ser um bom pai ou uma boa mãe.

Foto 3 – O matriarcado do candomblé de Angola



Fonte: narrativas audiovisuais/entrevistas concedidas às professoras: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma Brito e Leila Leite. Em 30 de novembro de 2019.

Sete anos dentro da nossa tradição, dentro de todo Candomblé, são sete anos pra pessoa iniciar e poder se tornar adulto. Aí depois se torna um pai de santo, uma Mametu, um Babalorixá, uma Yalorixá. É uma faculdade pra mim. Então, o cumprimento desse tempo é suficiente pra você aprender algumas coisas, não se sabe de tudo nunca. Candomblé é poço fundo, quanto mais você aprende, tem muito mais pra aprender. E, assim, com esse conhecimento nosso, a gente vai passando pros nossos filhos o que a gente puder, porque a tradição não pode acabar, não pode morrer.

SEÇÃO 4

A gente vai soltando devagar o conhecimento, isso na vivência. É nesse território que a gente vai ensinar nossos filhos o que nós aprendemos, seja ele dado por pai e mãe de santo, nossos Tatetos, nossas Mametus ou então pelo conhecimento das entidades que passam pra nós.

6. A Narrativa do Conhecimento das Ervas e a Relação com a Academia

Foto 4 – Os saberes tradicionais e a relação acadêmica comunitária



Fonte: narrativas audiovisuais/entrevistas concedidas às professoras: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma Brito e Leila Leite. Em 30 de novembro de 2019.

Foto 5 – Intercâmbio de Saberes da Mameto Muagilê



Fonte: narrativas audiovisuais/entrevistas concedidas às professoras: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma Brito e Leila Leite. Em 30 de novembro de 2019.

Eu participei agora recente pra uma mesa de um congresso dos pesquisadores negros em Tocantins. A Universidade Federal do Pará levou uns alunos pra lá com vários painéis falando das ervas. Os alunos foram pro campo e, nesse campo, nos interiores, nos quilombos, sentaram-se na grama e vieram as crianças, os velhos e as pessoas adultas dali. Naquele momento, os velhos estavam passando

o conhecimento de algumas ervas básicas e que não eram religiosas, por exemplo a canela, as crianças falavam que ela é um chá pra gente tomar quando não tem café. Mas a canela no nosso conhecimento tradicional, que a gente não sabe se aquelas pessoas lá do quilombo sabem, tem outras funções. Por exemplo, o chá da canela, se você tomar demais ou muito forte, ela sobe a pressão, ela mexe com a nossa pressão. Assim como o chá da erva cidreira também tira a desjejum, que a criança falou, mas ela também é calmante.

Então, a canela tem outras funções dentro da missão. Banho de canela é um chama. Se a sua vida tiver fria em alguma relação, no amor, ela atrai coisas boas, agora você tem que saber que canela você vai tomar, porque tem a macho e tem a fêmea. A erva cidreira é um calmante, mas também é boa pra diabetes, ela faz umas curas também. O uso dela é muito bom. A gente usa como folha de união, quem sabe fazer, sabe. Têm outros conhecimentos que o povo do quilombo ali não trabalha. Essa parte mediúnica, eles não sabem. Eles só sabem que aquele chá é pra tirar o desjejum. Mas os alunos da Universidade Federal do Pará deram um show em Tocantins, teve painel que foi muito lindo, e cada painel que eu fui, eu fui explicando que essa erva é isso, essa erva é pra aquilo, isso aqui é pra cá, e o pessoal me seguindo, os meninos falavam das ervas e eu fui só complementando, eles adoraram a minha intervenção ali na hora deles apresentarem os painéis deles. Muito boa a participação.

Nesse congresso que eu fui, eu tava falando pra eles o que eu posso falar aqui pros meus filhos, conversei com as Mametus, uma roda de conversa de várias mães de santo, e eu falei: “Tá na hora da gente soltar um pouco a língua e começar a passar nossos conhecimentos tradicionais pros nossos filhos de santo!”. Porque a mãe e o pai de santo, muitos deles, são muito escassos de dar fundamento, de ensinar remédio, eles querem ser os poderosos, querem saber tudo, curar os males de qualquer um deles, mas eu acho que eu já tenho uma outra visão, eu tenho uma visão de que eu tenho que passar pros meus filhos, porque eu não vou levar isso pra debaixo da terra quando eu morrer. Eu tenho que passar pros meus filhos de santo esses conhecimentos da cura das ervas. Eu já tive várias pesquisas aqui na minha casa e vários antropólogos que foram visitar o meu pátio lá em cima, que tinha várias ervas, e eu fui explicando todas, cada uma pra eles. Por que que eu não vou explicar pros meus filhos dentro da roça? Quem tem que saber são eles. Eu adoro ver, eu me sinto muito bem com a academia dentro dos terreiros, porque eles se tornam agentes multiplicadores desse conhecimento que a gente passa pra eles.

Foto 6 – O elo comunitário - Mona Nkisi (homens) e Mona Muahatu wa Nkisi (mulheres)



Fonte: narrativas audiovisuais/intervistas concedidas às professoras: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma Brito e Leila Leite. Em 30 de novembro de 2019.

Antigamente, há 20 anos atrás, os pais de santo não gostavam. Quando eu fui em roda de conversa, eles avisavam: “A academia vem pra casa de santo, mas isso é conhecimento nosso.”. Eu já acho ao contrário. Fizemos várias rodas de conversa dentro da UEPA, porque lá tem o curso Ciência das Religiões, e dentro da Universidade Federal do Pará eu fiz várias também. Tinha um professor que me convidava todo ano pra palestrar, mas ele viajou e foi pra outro país, o professor Flávio. Na UFRA e nas particulares, em todas eu já fui pra mesa, pra roda de conversa, pra palestrar. Eu acho bacana que a academia é o agente multiplicador da nossa fala nas escolas. Não tem lugar melhor pra gente falar – não do sagrado – desses conhecimentos. Eu acho muito importante falar o que você pode, o que você não pode, o que você deve, o que você não deve, passar esse conhecimento pra eles respeitarem e saberem que nós usamos coisas muito do bem, curas. Eu sou muito ligada nessa parte da cura. Eu me vejo muito nesse tratamento espiritual, em todos os sentidos, e ai já entra o físico, o mental. Você estando bem espiritualmente, melhora o financeiro, o profissional e assim vai. É isso que muita gente vem buscar dentro da nossa casa, é esse tipo de relação, é esse tipo de conhecimento, é esse fortalecimento.

7. Soberania Alimentar de Terreiro e o Corpo-Território

Foto 7 – A soberania dos atabaques no Candomblé Angola e o movimento corpo-território



Fonte: narrativas audiovisuais/entrevistas concedidas às professoras: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma Brito e Leila Leite. Em 30 de novembro de 2019.

A alimentação do povo de comunidades tradicionais é uma alimentação especial, diferenciada, porque não é tudo que a gente pode comer. Então, hoje em dia, os animais estão sendo criados de forma muito rápida, isso não é bom pra nós, a gente procura comprar e buscar alimentos que não venham contaminar nossa matéria, porque essa matéria – que é meu corpo – não é meu corpo, quem toma conta e quem domina o meu corpo é Bamburusema. Essa matéria é dela, então pra ela se encaixar, pra ela entrar nessa matéria, eu tenho que entrar com essa matéria preparada, boa. Então o que é a tua vida, quem és tu? Tu és aquilo que tu te



alimenta, tu és aquilo que tu come, tu és aquilo que tu bebe. Se você não souber se alimentar direito, você vai ficar doente e quando você ficar muito doente, não tem entidade que venha na sua matéria, eles não gostam de matéria podre, eles gostam de matéria limpa, boa. Por isso que nós, quando vai ter uma festa, nós vamos dar comida ao Inkisse, ao Orixá, ao Caboclo, a gente procura o melhor alimento, o bicho sem defeitos, comprar os melhores alimentos, não importa se seja caro, a gente vai lá e compra aquilo que a gente acha que é melhor no nosso pensamento e na nossa cabeça, e vem fazer o nosso alimento em casa.

Quando tem alguém de preceito, não come nada da rua, tudo é feito com muito cuidado. A nossa forma de fazer nossos alimentos é muito parecida com a dos indígenas. Eu já palestrei na FUNARTE e eles falaram também da forma que eles fazem os alimentos deles, todo um ritual, tudo muito lavado, rezado. Então isso é a tradição dos povos e comunidades tradicionais. Todas as nações fazem isso. Eu não estou falando aqui só da minha casa, como eu preparo meu alimento, os povos tradicionais de matriz africana de Candomblé, todos preparam o alimento dessa forma: com muito cuidado! Se tiver um podrezinho, a gente vai catando, vai tirando, vai deixar tudo muito especial pros nossos Inkisses.

Cada Inkisse tem seus alimentos, nem de tudo a gente pode comer, tem aquele período que a gente não pode comer peixe de pele, cascudos, que são jabutis, na nossa nação é cágado, não pode comer aranhola, caranguejo, siri, camarão... Até pode um pouquinho cascudo... até porque o sal da comida dos nossos Inkisses é o camarão salgado. Na minha Nação Angola, a gente usa muito azeite português. O Ketu já usa mais dendê. A gente usa azeite português pra acalmar, pra deixar tudo doce, muito tranquilo. Então ela é uma comida feita especial pra povos e comunidades tradicionais que estão dentro do ritual.

8. O Racismo e a Mulher Negra Quilombola Afro-Religiosa

Eu, como mulher quilombola, negra, de matriz africana... a gente tem dificuldades. Eu faço parte de um grupo de umas dez pessoas que começaram a colocar os turbantes, os fios de conta e ir pra rua, sair paramentado para o movimento social. Eu faço parte de um grupo que veio mesmo dar a cara a tapa. Não é fácil você mulher, você negra, você quilombola, você periférica. Isso tudo pesa. Até entre os nossos existe essa diferença, imagina entre aqueles que não fazem parte do nosso contexto!

Muitas vezes, por você ser da periferia, muitos aqueles que tem dinheiro sempre querem tá à frente mais das coisas. Mas o que valoriza a gente não é isso. A tradição é valorizada pelo que você pratica e pelo que você faz.

É moda ser preto ultimamente. Dentro da religião isso é muito favorável, tem uma certa camada valorizando a mulher negra, mas assim também como tem na sociedade, em um todo, o olhar diferente, porque a mulher negra começa a ser adoecida. Começa a solidão da mulher negra desde criança. Porque a criança, quando ela está na escola, o amiguinho não quer sentar do lado dela, em uma brincadeira de roda, que antigamente tinha brincadeira de roda, não quer segurar na tua mão. Na quadrilha de hoje, não querem ser teu par, eles procuram as branquinhas, as mais bonitinhos pra ser parceira da dança.

Foto 8 – Quilombola, preta e Afro-religiosa



Fonte: narrativas audiovisuais/entrevistas concedidas às professoras: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma Brito e Leila Leite. Em 30 de novembro de 2019.

Então... vem uma doença mental das mulheres negras. Já começa daí e isso também acaba acontecendo na tua comunidade. Aqui, eu já atendi quase toda essa rua, mas quando tem um ritual aqui, um candomblé, não vem ninguém aqui da rua. Se meu caboclo, minha entidade arriar aqui, não vem ninguém bater palma pra ele. Eles olhavam aqui na porta, quando dá duas horas, eles diziam vou lá na casa da mãe Beth tomar banho, jogar um búzio, fazer qualquer coisa. Então o preconceito tá armado, o racismo tá aí batendo na nossa porta a toda hora, a todo instante.

Em outro bairro que eu morava, se meu caboclo arriava a casa tava cheia. O Jurunas é bom pra trabalhar, é um bairro menos preconceituoso, tu bateu um tambor, a casa fica cheia na hora. Aí já tem o que toca daqui, o que bate a maracá daqui, aí pronto, tá cheia a casa! Mas o bairro da Terra Firme é muito preconceituoso, eu trabalho aqui há mais de 20 anos, mas não vem na nossa casa, vem buscar a cura só. Aqui eu tenho pastor que eu cuido, aqui eu tenho freira que eu cuido, então a gente atende a todos. Tem um grupo de capoeira aqui do Tata Kafungeji, tinha dia que ele tava agoniado com tanta criança, aí os pais começam a fazer, vem uma vizinha e diz que aqui é a casa do diabo... esse pessoal é da macumba, de forma pejorativa e burra, ignorante. Macumbeiro é o cara que toca o instrumento que é a macumba, mas eles usam de forma pejorativa, infelizmente isso faz parte do racismo.

Muitas pessoas não chegam até aqui por conta disso. Mas ainda vem, por exemplo, na feitura do Mazamudila. Nesse dia, vazou gente aqui que não tinha nem onde colocar, mas tudo de longe. Então existe essa situação do racismo, do preconceito, da falta de respeito com a nossa religião,

com o nosso espaço. Nós somos conhecidos como os POTMA, Povos e comunidades Tradicionais de Matriz Africana, porque a nossa casa não é só tocar tambor e dançar, as nossas casas, não só a minha, a gente faz várias ações dentro da casa, tem capoeira, oficina de percussão, de dança, de trança, de amarra... têm várias funções dentro da casa. A arte maravilhosa que também faz parte dessa tradição, desse conhecimento tradicional, a gente fazer a arte dos paramentos, das joias dos nossos Inkisses, dos nossos Orixás. Tem pai e mãe de santo que não faz, não sabe fazer, nunca se propôs a fazer, também têm outros que fazem e vendem dentro da própria casa. Mas eu faço tudo, todas as joias que o Inkisse usa, eu que faço as roupas que eu visto, as roupas que os Inkisses da minha casa vestem, sou eu que faço. Isso é artesanato, é cultura, é tradição.

9. Hierarquia e Cargos da Casa

Foto 9 –A hierarquia no Candomblé de Angola



Fonte: narrativas audiovisuais/entrevistas concedidas às professoras: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma Bríto e Leila Leite. Em 30 de novembro de 2019.

A hierarquia dentro da casa de santo começa pela Mametu, que é o grau mais alto dentro do terreiro, ou Tatetu, quando é pai, Tatetu de Inkisse ou Mametu de Inkisse, quer dizer mãe de santo e pai de santo. A hierarquia começa por aí.

Depois que a gente recebe o cargo e se torna adulto, aos sete anos de iniciada, você inicia no santo, paga a obrigação de um ano, paga a obrigação de três e paga a obrigação de cinco e de sete. Com sete anos você se torna adulta, a partir dos sete anos que você vai poder iniciar outras pessoas e fazer nas pessoas aquilo que a sua mãe ou o seu Tatetu fez em você. Essa é aquela coisa de passar o conhecimento, só se dá o que se recebe.

Aí vem os cargos que acompanham, os esteios, o sustentáculo de uma casa de santo. São os Tatas Kabandos, que é o Tata Kambui que toca pros Inkisses dançarem. Tem o Tata kivonda, que é o Tata Kambando, que emola os animais. E tem outros, o Tata Mabaia, que é aquela pessoa que recebe, que faz o anfitrião, recebe as pessoas, coloca em uma mesa, coloca pra sentar pra que elas fiquem à vontade, tem que ter a pessoa preparada pra isso.

Na parte feminina, têm as Makotas, a mulher que vem cuidar, a que já nasce mãe, que vem cuidar da minha Inkisse e dos Inkisses dos meus filhos de santo quando estivermos virados, quando estivermos nessa pose da incorporação, quando nós não estamos nesse espaço, quem está são nossas entidades. Então tem a Kota que cuida da gente, tem a Kota que cozinha, que cuida dos alimentos, tem a Makota que cria gente no Roncol, que é a mãe criadeira, que é a Mametu Indemburê, a Kota Rifula que é a cozinheira, que cozinha pros nossos Inkisses. E tem outros cargos que vem acompanhando, quem toma conta do quarto do exu, tem várias funções e vários cargos dentro da casa do santo.

9.1. Mametu Gamgamiro

Foto 10 – Mametu Gamgamiro



Fonte: narrativas audiovisuais/intervistas concedidas às professoras: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma Brito e Leila Leite. Em 30 de novembro de 2019.

Sobre como eu me sinto a respeito do que a minha mãe passa pra mim? Eu me sinto bem, porque o que ela passa pra mim são ensinamentos que eu tenho que levar pra mim, que sou filha dela, e levar pros meus filhos no dia que eu for ter. Então, são ensinamentos que a gente tem que gravar pra fazer tudo direitinho, assim como ela ensinou pra mim, eu vou ensinar para os filhos que eu vou ter, isso é uma tradição que a gente tem na nossa casa, no Candomblé. É uma coisa que tem que ser respeitada, tem que levar a sério os ensinamentos que a nossa mãe dá, é uma coisa que serve pra gente mesmo e pra passar pros filhos que vamos ter futuramente.

10. Conselho sobre Respeito e Ética no Sagrado

Foto 11 – Orientação do sacerdócio



Fonte: narrativas audiovisuais/intervistas concedidas às professoras: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma Brito e Leila Leite. Em 30 de novembro de 2019.

Se não respeitar, se não se fizer respeitar, não seguir aquilo que a Mametu ou que o Tatetu ensina pra ela, qual a moral que ela vai ter pra ensinar pros filhos dela? Então, eu vejo dessa forma: “faça direito suas coisas, compra seu tempo de santo, que é pra você ter moral e poder falar e não ter quem cale a sua boca, porque você fala da melhor maneira possível. Você não pode ser cobrada, se você faz as coisas corretas, direitinho.”.

Desde quando eu trabalhava como funcionária de qualquer empresa, eu procurava fazer meu trabalho da melhor maneira pra não ser chamada atenção, e eu trouxe isso pra dentro do santo, pra dentro do sagrado. A gente tem que fazer aquilo que o pai de santo recomenda, não pisar fora da linha, faça aquilo que você fazendo, você tem moral, tem respaldo, é respeitado por aquilo que você faz da melhor maneira. Eu acho que a nossa consciência te pune quando tu não faz a coisa correta, tu pensa que ninguém tá vendo, tu pode tá entre quatro paredes, mas o Inkisse, o Caboclo, a Pomba Gira, o Erê... nossos guardiões estão só te olhando. Zambi, que é nosso deus maior, Lembá, que é Jesus Cristo, tá só olhando.

A gente tem que ser honesto, correto, pensando que alguém tá vendo eu fazer a coisa errada. Isso não tá omissio, isso não tá escondido, tem alguém vendo, se eu acredito no espiritual, se eu tenho essa fé, se eu acredito nessas divindades, eu acredito nisso também, que eles estão nos olhando a todo momento, que nós acertamos e que nós erramos. Se você tiver fazendo alguma coisa errada longe do pai de santo, o seu Santo tá vendo, seu Caboclo tá vendo, sua Pomba Gira tá vendo, seu erê tá vendo e Erê fala tudo, te derruba na hora! Se o pai de santo perguntar se você fez alguma coisa errada, ele já tá ali apontando, que ele derruba, fala tudo, ele é pra isso, a função do Kafioti, dentro da minha nação é Kafioti, é o famoso espírito infantil, que chamam de Cosme e Damião. Cada um é um, mas eles nascem dentro do Candomblé, nos iniciados, pra falar, eles sentem todo

o sentimento que os filhos sentem, seja ele qual seja, do físico, do mental, do espiritual, ele sente e transmite pro pai de santo e pra mãe de santo, ele é responsável por essa posição. O Erê, o Kafito, eles são muito engraçados, eles falam tudo, não adianta que eles não escondem, seja o pior pecado cometido, ele vai contar.

11. Fala sobre o Território das Ervas e Dificuldades Atuais

Foto 12 – O Elo comunitário entre os mais velhos e os mais novos



Fonte: narrativas audiovisuais/entrevistas concedidas às professoras: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma Brito e Leila Leite. Em 30 de novembro de 2019.

Aonde você coloca uma oferenda, aonde você vai buscar uma erva, aonde você vai na mata pegar uma folha isso tudo é território marcado e demarcado por nós. Tá faltando, porque a gente já não encontra as matas sadias pra gente tirar nossas folhas, pra fazer nossos rituais, aquele ritual mais reservado lá dentro dos nossos Bakises. A gente já não tem aonde plantar as ervas de cura e de onde muitas vezes elas vêm, elas já vêm com problemas. Por exemplo, o agrotóxico está em tudo quanto é lugar, ele tá no alimento que a gente come, no gado, nos frangos, nas ervas. Isso a gente tem que ter muito cuidado pra trabalhar com as ervas, porque a partir do momento que a gente começa a colocar algo na planta que não é o que vem da natureza, como nós os mais antigos conhecemos, aquela erva que nasce da terra sem nenhum adubo, a gente planta ali e nasce, aquela erva é a pura, sagrada, sem mistura, sem nada, e também a que está em um lugar mais reservado, não onde passa todo mundo. Hoje em dia, a gente já procura várias ervas, por onde eu ando, eu já ando mapeando, o que eu vejo e onde eu vejo erva que serve pra fazer alguma coisa, mas está difícil o mapeamento, está muito difícil de você ir buscar, porque é nas ervas que tem remédio pra tudo.

Eu não acredito que os cientistas, até hoje, não descobriram a cura da doença da AIDS, porque a nossa mata tem remédio, tem antibiótico, tem antinflamatório pra tudo que possa imaginar. Isso, pra mim, é comércio. Pra mim, é político e financeiro. Porque onde se faz o remédio, tem alguém que vai comprar, nada vem de graça. É muito fácil cobrir isso aí, colocar uma cortina e deixar os conhecimentos tradicionais avançarem, como a gente faz, e o científico não vem nos ajudar, muito pelo contrário.

A fitoterapia dos remédios está aí, mas pra nos tirar nosso conhecimento, não pra nos ajudar, pra fazer do jeito deles, porque eles colocam mais química em cima dessa fitoterapia e empurra no

pessoal pra eles terem mais uma doença, pra comprar mais remédio. Se eles fazem o remédio dessas ervas mesmo... porque essas ervas curam, como a babosa cura várias doenças. Eu mesma já curei várias doenças: ferida em colo de útero, já curei ferida no estômago do meu neto com remédios que a gente vai fazendo. E olha que a gente não tem aquela medida científica, acadêmica e médica, a gente faz dentro do nosso conhecimento tradicional, vai tendo as ideias, fazendo e colocando. Pronto, tá curado. Tá resolvido! As doses nem pode ser de mais, nem pode ser de menos, elas têm que ser adequadas pra cada corpo, cada pessoa e cada situação que está.

Mas está faltando muita coisa pra nós, ervas que a gente procura e já não acha realmente, porque tem muitas das ervas que a gente usa, principalmente no Candomblé, na Umbanda também. Eu participei um começo na Umbanda, eu não fiquei muito tempo, eu não aceitava a missão, minha mãe ia e eu ia com a minha mãe, mas eu não tinha aquela coisa de querer saber, de querer conhecer, de querer acompanhar essa sabedoria da minha mãe, tanto que pouquíssimas coisas, quase nada, minha mãe me deixou de conhecimento, porque quando eu era menina eu acompanhava mais ela, depois eu fui trabalhar pra sustentar, pra ajudar minha família. Eu era uma das irmãs mais velhas, nós éramos quatro meninas e quatro meninos, eu fui trabalhar muito cedo. Eu não tive tempo de acompanhar a minha mãe nessa arte do desenvolvimento, do crescimento mediúnico dela, que ela fazia muitas curas. Eu não estava do lado dela pra aprender. O que eu aprendi foi através das minhas entidades, e olha só quanto tempo eu passei com o pai de santo, passei dois anos. Com a minha mãe não teve vivência nenhuma praticamente espiritual de Umbanda, minha mãe se preparou, se fez, mas eu era menor e, quando fui maior, saía de casa pra trabalhar ou passava o dia em casa estudando. O meu pai, que foi quem me iniciou no Candomblé, Walter do Ogum, ele era conhecido como maracatu, que chamavam pra ele, eu fiquei só dois anos com ele, foi o tempo que ele teve pra me ensinar essas tradições, dois anos não é nada pra gente aprender, mas graças a Zambi e às minhas entidades, elas me dão esse poder.

Foto 13 – da ação participativa das narrativas audiovisuais



Fonte: Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma Brito e Leila Leite, 2019.

